



BARRETO, Claudia Emylly Silva. A autoria feminina no acervo Raymond Cantel. *Revista Épicas*. Ano 7, N. 13, Jun 2023, p. 171-184. ISSN 2527-080-X.

DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2023.v13.171184>

A AUTORIA FEMININA NO ACERVO RAYMOND CANTEL

FEMALE AUTHORSHIP IN RAYMOND CANTEL'S COLLECTION

Claudia Emylly Silva Barreto¹
PIBIC/DLI/UFS/CIMEEP

RESUMO: Este relato apresenta resultados do projeto de pesquisa de Iniciação Científica intitulado “A autoria feminina no acervo de Raymond Cantel”, em que se buscou mapear, analisar e fazer o estudo crítico de alguns folhetos de cordel previamente selecionados.

Palavras-chave: Cordel; autoria feminina; verbete; análise crítica; CIMEEP.

ABSTRACT: This report presents results of the Iniciação Científica research project entitled “A autoria feminina no acervo de Raymond Cantel”, in which it was sought to map, analyze and make a critical study of some previously selected cordel pamphlets.

Keywords: Cordel; female authorship; critical study; CIMEEP.

Introdução

A pesquisa “A autoria feminina no acervo Raymond Cantel” (PIE11706-PIE11706-2022) teve como objetivo mapear e estudar criticamente folhetos de cordel escrito por mulheres, presentes no acervo da universidade de Poitiers na França, acessando as obras através da Biblioteca virtual dessa instituição (<https://cordel.edel.univ-poitiers.fr/collections/show/3>), e tendo como base conceitos a respeito do cordel, do gênero épico e teorias críticas feministas.

Por meio das visões de Abreu (1999), Castro (2019), Cavnac (2006), Curran (1973 e 2001),

¹ Graduanda do Curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe, bolsista PIBIC/CAPES. Orientação: Prof.a Dr.a Christina Bielinski Ramalho

Daus (1982), Luciano (2012), Mendonça (2018), Menezes (2020), Meyer (1980). Nogueira (202), Peregrino (1984), Pimentel e Roiphe (2021), Ramalho (2012, 2020), Ramos (2015), Roiphe (2013), Silva e Ramalho (2022) e Suassuna (1962), foi possível elaborar um painel amplo sobre como o gênero cordel vem sendo visto através dos anos para, então, dirigir ao corpora literário definido no projeto o olhar crítico.

Além disso, com o apoio dos pensamentos de Bordieu (2012), Varela (3019) e principalmente, Santos (Fanka, 2010), foi possível discutir questões relacionadas à presença de mulheres na literatura e, em especial na literatura de cordel.

Sobre a importância da literatura de cordel, sinteticamente, reproduzimos a colocação de Mark Curran na obra *História do Brasil em cordel*: “A literatura de cordel é reconhecida como importante meio de expressão popular, com valor documental e de crônica poética e histórica do século XX, o retrato de um povo, de uma maneira de viver, de um país e de sua visão dos eventos da época.” (Curran, 2001, p. 12) Nesse sentido, se constata o papel desse gênero literário no registro dos acontecimentos históricos e sociais, e, por isso, é imprescindível perceber o papel da mulher enquanto autora dessa literatura na qual também deixa registrada sua visão do cenário em que está inserida, permitindo assim a voz de outras mulheres ecoarem através da sua.

A presidenta da academia brasileira de literatura de cordel Paola Tôrres, na obra *83 anos de publicações femininas na literatura de cordel*, menciona o quanto as romancistas que produziram no século XIX são, até os dias atuais, ignoradas pelos currículos das escolas e universidades, vinculando esse retrato à realidade das autoras de cordel, que semelhantemente têm suas histórias apagadas e cobertas pelo véu do machismo. Segundo ela, “Não é de se estranhar, que as nossas cordelistas, cantadoras, contadoras de histórias ainda hoje sejam ignoradas, em uma literatura que nem sequer disfarça o machismo e a hegemonia masculina” (Tôrres, 2021, p. 5)

A partir dessas constatações, sabe-se que as produções femininas são carregadas de conteúdos significativos que dizem respeito ao protagonismo da mulher na sociedade, e, também por isso, sofreram e ainda sofrem inúmeras ameaças e tentativas de apagamento.

Nesse contexto, a presente pesquisa buscou enaltecer e valorizar as autoras, nesse plano de trabalho em específico analisando e estudando os folhetos das cordelistas Adélia Carvalho de Oliveira; Izabel de Oliveira Galvão; Maria do Carmo Cristovão; Maria José de Oliveira; Maria de Josefa Maria dos Anjos; e Zaíra Dantas da Silva. Infelizmente, por questões de indisponibilidade temporária, não foi possível o acesso aos folhetos de Lucia Victoria Peltier Queiroz, Maria Augusta, Maria de Lourdes Teodoro e Waldelene Cristóvão.

A investigação das obras se deu a partir de leituras e análises individuais e também de encontros em grupo (do qual participaram os estudantes voluntários) para debate e discussão acerca do tema com a orientadora, o que resultou na produção de verbetes, apresentações e relatos de

pesquisa, colaborando assim para a difusão das obras de autoria feminina em cordel: *A casa de cavaco e o padre e o sacristão* e *A mensagem de São José Tobias a Sara*, de Maria José de Oliveira; *A história de São Sepé*; *A história do padre Rodolfo e o índio São Romão*; *A traição de Tibiriçá*, *Discussão de Frei Damião com um ateu*; *O abraço do papa*; *O peregrino de Deus*, de Adélia Carvalho de Oliveira; *Considerações de uma poetisa pela feira de Fagundes*, de Zaíra Dantas da Silva; *Ofício doloroso coração*, de Maria de Josefa Maria dos Anjos; *Um São João em Caruaru*, de Maria do Carmo Cristovão; e *Visão de Dona Izabel de Oliveira Galvão e luta com o demônio quatro vezes*, de Izabel de Oliveira Galvão.

Objetivos

Esse trabalho teve como foco compreender e caracterizar o cordel e suas múltiplas manifestações, fundamentando-se em conceitos convencionais e atuais sobre o gênero, se debruçando principalmente nos folhetos de autoria feminina inspirando-se nos conceitos defendidos por Nuria Varela e Pierre Bourdieu para analisá-los à luz das teorias críticas feministas. Mapeando e analisando diretamente obras de Lucia Victoria Peltier Queiroz, Maria Augusta, Maria de Lourdes Teodoro, Maria do Carmo Cristovão, Maria José de Oliveira e Waldelene Cristóvão presentes no acervo Raymond Cantel, da Biblioteca Virtual de Cordel da Université de Poitiers. E, assim, produzir verbetes, artigo científico, apresentações e exposições que discorreriam sobre os principais resultados da pesquisa realizada.

No decorrer da pesquisa, foi necessário substituir alguns nomes de autoras. Por fim, ficamos com Adélia Carvalho de Oliveira; Izabel de Oliveira Galvão; Maria do Carmo Cristovão; Maria José de Oliveira; Maria de Josefa Maria dos Anjos; e Zaíra Dantas da Silva.

Metodologia

A pesquisa se desenvolveu inicialmente por meio da leitura e discussão de textos, estabelecendo assim um embasamento teórico que norteou a análise dos folhetos de cordel das autoras Adélia Carvalho de Oliveira; Izabel de Oliveira Galvão; Maria do Carmo Cristóvão; Maria José de Oliveira; Maria de Josefa Maria dos Anjos; e Zaíra Dantas da Silva. No que se refere à teoria, foram lidos e discutidos os textos: “Cantadoras e repentistas do século XXI: a construção de um território feminino” (2010) de Francisca Santos (conhecida como Fanka Santos); “Xilográficos mecanismos para o ensino e aprendizagem do cordel” (2011) de Rosilene Pimentel e Alberto Roiphe; *83 Anos de publicação feminina na literatura de cordel* (2021) de Graciele Castro; a tese *Na corda bamba do cordel: representações e ressignificações do feminino na produção cordelística* (2020) de Ariadne Maria Lima Nogueira, e as obras de Bourdieu e Varela, dentre outros materiais voltados para a definição, a caracterização do gênero e participação feminina nesse contexto. Sobre tais obras foram produzidos

fichamentos que colocaram em pauta todas as questões relacionadas ao cordel enquanto expressão literária e cultural, que por vezes também possui caráter épico, tal como apontam os estudos de Ramalho (2019 e 2022).

Cabe destacar que a leitura de *La cuarta ola*, de Nuria Varela, permitiu que se conhecessem detalhes relacionados às quatro “ondas” do feminismo e, assim, compreender que hoje

El feminismo no solo se atreve día a día a enfrentarse al enemigo más antiguo, potente y violento, al patriarcado, y no solo en teorías, discursos académicos o juegos de salón (de redes sociales, diríamos hoy), sino también poniendo el cuerpo y exponiendo la propia vida. Además es valiente por ser capaz de repensarse, revisar los fundamentos de sus prácticas a la luz de nuevos conocimientos y discursos producidos sobre esas prácticas y de enfrentar sus consecuencias, los efectos no previstos y los riesgos que las nuevas reflexiones, teorías y militancias conllevan. (VARELA, 2019, p. 56)

Assim, se o apagamento das biografias das cordelistas estudadas é um fato, também é fato que o resgate de suas obras e a reflexão sobre seu trabalho com um gênero de evidente “domínio masculino” (Bourdieu, 2012) traduz uma adesão a essa postura corajosa que objetiva demonstrar que a tradição do cordel necessita ser constantemente reavaliada, tal como faz Fanka Santos e outras, para que se substitua o apagamento pela iluminação.

Além disso, buscou-se também perceber e demonstrar a importância da Biblioteca Virtual de Cordel, da Université de Poitiers, com especial destaque para Raymond Cantel, responsável pela existência de representativo e volumoso acervo de folhetos de cordel da França e da Europa.

Posteriormente foi realizado um encontro virtual com a cordelista Isis da Penha, participante do Movimento Nacional das Mulheres Cordelistas contra o Machismo, que compartilhou sua experiência enquanto escritora e mencionou a criação de um grupo de estudo de cordéis de autoria feminina “Estante Feminista”.

Por fim, foi realizado o estudo e o fichamento individual das obras das autoras citadas acima, que resultou em uma exposição com as capas desses folhetos e dados sobre as obras, que foi apresentada ao público durante o evento em comemoração aos 10 anos do Centro Internacional e Multidisciplinar e Estudos Épicos, realizado em janeiro de 2023 no campus da UFS São Cristovão, e uma apresentação oral feita durante a semana acadêmica da UFS campus Itabaiana, em novembro de 2022.

Resultados

A trajetória das mulheres nesse campo literário pelos registros históricos, tem início em 1938 com a produção da paraibana Maria das Neves Baptista Pimentel, considerada a mãe do cordel, que diante das limitações da época se utilizou de um pseudônimo masculino para poder publicar o folheto *O violino do diabo ou o valor da honestidade*. Já as cantadoras e repentistas possuem registros de

atuação mais antigos. O artigo “Cantadoras e repentistas do século XIX: a construção de um território feminino” escrito por Francisca Pereira dos Santos discorre sobre isso.

É notória a existência de distanciamentos e aproximações entre as cantadoras e as cordelistas. Enquanto expressão artística e literária o cordel diferencia-se do repente. Segundo Matos,

O cordel é uma construção escrita em versos e rimas obedecendo a uma métrica determinada, e pautada em um tema ou seja, um trabalho minucioso com palavras que recorre à pesquisa do objeto o qual os poetas se propõem a escrever em forma de romance, de peleja, de relato de acontecimentos... que revelam diversos estilos, além disso o folheto de cordel é constituído por uma imagem presente em sua capa. /.../ O repente diferencia-se do cordel por ser poesia oral cantada, criada a partir do improviso (Matos, 2004, p. 49).

Em contrapartida, tanto as cordelistas quanto as repentistas sofrem o mesmo dilema: a injusta ausência das suas produções na historiografia. É ainda Santos quem afirma: “A constante justificativa apresentada pela historiografia, que apresenta (pela negativa e pelo silêncio) a inexistência de uma autoria feminina na cantoria, é similar no campo do folheto de cordel” (Santos, 2010, p. 91).

Até a atualidade, vários/as pesquisadores/as, além de negar a existência dessas escritoras, atribuem às mulheres cordelistas a culpa do não reconhecimento das suas produções e das suas atuações ao longo do tempo. O pronunciamento preconceituoso de Luyten quando afirma que “se os autores, por uma razão ou por outra, não conseguiram citar uma só autora, uma só trovadora, é que realmente o ‘sexo fraco’ não se interessa pelo cancionero nordestino” (Luyten, 2003, p. 146). Essa afirmativa prova o quanto a resistência entre muitos pesquisadores ao reconhecimento do cordel de autoria feminina influencia na permanência do machismo dentro desse contexto.

Nesse âmbito do cordel de autoria feminina, a tese de doutorado da Ariadne Maria Lima Nogueira intitulada *Na corda bamba do cordel: representações e ressignificações do feminino na produção cordelística* e o artigo “Cantadoras e repentistas do século XIX: a construção de um território feminino” de Francisca Pereira dos Santos, foram bases teóricas importantes e significativas para essa pesquisa.

Nesses arquivos as autoras constatarem o apagamento de mulheres do cânone literário como um todo, e principalmente naquilo que se refere às cantadoras e às repentistas que foram excluídas em dobro no contexto literário e folclórico. Fanka prova a existência dessas artistas indicando citações em pelejas e reproduções de suas imagens nas capas dos folhetos antigos.

Por muitos pesquisadores, durante um longo período de tempo, a atuação feminina provada através dessas e muitas outras evidências foi encarada como ficção, fruto do imaginário dos cantadores. Para Fanka, sendo real ou ficcional a citação de uma mulher como cantadora nesse e em tantos outros trechos reafirma a presença feminina nesse cenário, fato que pode ser fortalecido pelas testemunhas que viram e ouviram essas atuações.

Lemaire (2002, p. 92), implica a presença de “uma terceira pessoa – a testemunha, que está presente como ‘terceiro’ (quer dizer, vindo de fora), para testemunhar para trazer a verdade, ou a prova da verdade”. São as testemunhas oculares e auriculares que ouviram, viram, repetiram e transmitiram em seus versos informações sobre as produções poéticas e performances dessas mulheres.

As cantadoras atuaram como resistência as barreiras sociais erguidas pelo patriarcado, cantar era um ato de expressão e protesto. Elementos como o gênero, a cor e classe social dessas violeiras que eram domésticas, agricultoras e camponesas, influenciaram significativamente na descredibilização dos seus trabalhos e na exclusão de suas produções da historiografia.

As cantadoras eram temidas, pois colocavam à prova a moral e o valor do patriarcado. Perder no duelo com uma mulher para eles era desonroso, uma afronta à virilidade do homem que, por vezes, evitava a peleja ou acusava a oponente de ter ligação com o diabo, sendo essa a única justificativa para que ela o vencesse. Vejamos alguns trechos citados por Fanka Santos:

Aí, chamamo pra janta,
Eu fui pra comparecê:
Levava o bocado à boca
Mas não podia descê
Maginando na vergonha
Que eu havéra de sofrê,
Andando na terra alêia,
E uma muié me vencê...
(Cantoria de Jerônimo do Junqueira com Zefinha do Chambocão).

Quando a velha se calou,
Que deu-se fim à contenda,
Eu disse: Só no inferno,
Se achará desta fazenda,
Foi o diabo sem dúvida
Quem mandou-se está encomenda.

(Discussão de Leandro Gomes com a velha de Sergipe)

Como afirma Santos, “Essa ausência verificada de mulheres cantando com homens implica, também, uma conduta ética dos cantadores homens, que veem nelas um desafio maior, o que não é, contudo, uma generalização, pois teve-se e tem-se muitos poetas que cantam com poetisas” (Santos, 2010, p. 100). Porém, para eles não era vantajoso correr o risco de perder para o “sexo frágil”.

Disse eu: doutor, a mulher
Nos vence com sua imagem
E mesmo cantar com moça
Precisa muita coragem
Que se apanhar faz vergonha
E se der não faz vantagem.
(José Gustavo, Peleja de José Gustavo com Maria Roxinha da Bahia,s.d.)

As cantadoras eram melhores reconhecidas por filhas de Eva que de Maria, visto que se encaixavam no perfil dos cantadores do século XIX boêmio, entregues à bebida e aos prazeres. Um visível confronto a sociedade que colocava as mulheres no papel de submissão.

Outro ponto explorado pela autora nesse artigo é a realidade das escritoras negras. Santos define as mulheres e os negros como os recusados no cenário da cantoria, nesse contexto as cantadoras eram duplamente recusadas pelo gênero e pela cor. “Os “recusados” das cantorias, os negros e as mulheres, que foram sempre uma pequena minoria nesse universo, muito empenhados em provar seu talento” (Santos, 2006, p. 103). É o que se vê em:

Negro, cante com mais jeito
Veja sua qualidade,
Eu sou branco e sou um vulto
Perante a sociedade.
Em vir cantar com você
Baixo de dignidade.
(Romano de Mãe D’Água e Inácio da Catingueira, apud Leandro Gomes de Barros, s.d.)

A cultura africana influenciou fortemente na poesia brasileira, no repente e na cantoria não foi diferente. Nomes como o de Francisca Maria da Conceição, conhecida por “Chica Barrosa”, se destacam por sua produção que resistiu as pedras do machismo e do racismo que lhe foram lançadas. As testemunhas auriculares foram de extrema importância para a constatação da atuação dessa importante cantadora paraibana.

Chica Barrosa demonstra ousadia durante os torneios, não se deixando intimidar pelas ofensas, muito pelo contrário, demonstra orgulho da cor que carrega. Durante a seguinte peleja com o cearense Neco Martins Barrosa, declara que não é cativa nem criada e exige respeito.

Neco Martins:
– A Barrosa se zangando
Lhe dá uma grande pisa,
Daquelas de engrossá couro...
Veja lá que ela lhe avisa!
– Inda que o diabo lhe atente,
Nem assim isso acontece;
Porque de peia no lombo
Eu nunca achei quem me desse.
_Não me ameace de peia
Que me faz ficá danada;
Eu não sou sua cativa
Nem também sua criada;
Se continuá assim
Vê nega desaforada.

Cantadores 1921, de Leandro Mota, página 81.

Sobre essa Chica Barrosa, Fanka Santos afirma:

Sendo mulher e negra, os cantadores, embora tendo preconceito de cor e “medo” de cantar com mulher, tiveram de aceitá-la pela sua capacidade no repente e, em segundo lugar, de

que, na realidade, a discriminação existiu muito mais por parte da historiografia da cantoria, que excluiu a autoria feminina e negra de suas páginas, do que dos próprios cantadores. (Santos, 2010, p. 104)

Vê-se, portanto, a importância do revisionismo realizado pela autora, o que reforça a igual importância de buscarmos na história do cordel os momentos em que vozes femininas se lançaram como fontes para o reconhecimento do gênero como expressão popular que registra diferentes facetas da história e da cultura do país.

O último tópico do artigo leva o nome das autoras Salvina, Rita Medeiros, Maria do Riachão e Maria Tebana; nessa sessão a autora expõe recortes teóricos de textos e documentos onde pode se constatar a existência e atuação dessas mulheres como cantadoras. Fanka recorre a contribuição dos folcloristas, para comprovar o protagonismo das mulheres nessa vertente, ao passo que denuncia a historiografia que tentou apagar a presença feminina desse espaço.

Já o livro *Xilográficos mecanismos para o ensino e aprendizagem de cordel* de Alberto Roiphe e Rosilene Pimentel, reuniu importantes informações a respeito do gênero em questão. De forma dinâmica, objetiva e acessível a todos os públicos, os autores usam a metalinguagem atando as duas pontas da literatura de cordel a verbal e a visual, o texto e a ilustração, seja ela uma xilogravura, desenho ou fotografia, para responder a questões recorrentes entre os leitores e apreciadores dessa literatura popular.

Por tudo isso, para melhor estudo e desenvolvimento da investigação se fez necessário, inicialmente, realizar essa imersão na teoria do gênero cordel permitindo o entendimento de determinados conceitos que serviram de base para o prosseguimento da análise. As leituras, juntamente com os debates e discussões com a orientadora a respeito dos textos lidos, tornaram-se um ponto crucial para a interpretação dos folhetos de autoria feminina que foram estudadas no decorrer da pesquisa. A começar pelo folheto de cordel de (Lucia Victoria Peltier de Queiroz) intitulado *Chegança cinematográfica de Anna Rita a supi istar*, que não mantém um padrão em relação ao número de versos presentes em cada estrofe, sendo assim, composto por sextilhas, setilhas, oitavas e décimas, totalizando 86 versos distribuídos em 11 estrofes. O esquema de rima também varia, e a linguagem é coloquial com fortes marcas da oralidade, como mostra a estrofe a seguir.

Nosso senhô carteloso,
Construtô desse mundão,
Nunca deu asa a muié,
Só deu costela de Adão.
É qui o divino sabia
Cum arta sabedoria
Qui muié tem muita treita
Tem arte e figuração
E só fica satisfeita
Apois chamá atenção.”

(Chegança cinematográfica de Anna Rita a Supi Istar de Lucia Victoria Pelvier Queiroz. P.01.

O texto narra de forma cômica a espera e o nascimento da criança Anna Rita, diante do contexto de suspense sua chegada gera ansiedade e expectativa e se torna um espetáculo digno de plateia. Na plateia estão as candidatas a madrinhas sinhá Nathalia, dona Carmen e sinhá Lucia Victória personagem que carrega o mesmo nome da autora, o que levanta a hipótese de que o texto foi inspirado em um episódio vivenciado pela cordelista e em seguida narrado em terceira pessoa se transformando em poesia.

O ato de encontrar inspiração no cotidiano é muito comum na produção de cordéis, Mark Curran no livro *História do Brasil em cordel* (2021) descreve o cordel como a crônica histórica e poética do século XX, reforçando a capacidade desse gênero literário de registrar múltiplos acontecimentos de forma épica, satírica, didática ou cômica como no presente folheto de Lucia Vitoria.

Outra obra dessa cordelista foi lida e analisada, seguindo a mesma essência do primeiro folheto apresentado *Chegança de Juão Manel nesse mundo de nosso sinhô*, composto por oito estrofes variadas entre sextilhas, setilhas e decimas também abordando a maternidade e documentando em poesia, o estilo de vida de uma parcela de mulheres da época, e isso reforça o quão significativo é o reconhecimento da produção literária feminina, que aborda com propriedade múltiplas realidades, principalmente aquelas que estão inseridas.

Seu doutô me adiscurpe,
Meu respeito continua,
Cunhecimento não tenho
Minha ciência é de rua
Apois íscreva com crarêza
Nessa papelada sua.
(Chegança de Juão Manel nesse mundo de nosso sinhô de Lucia Victoria Pelvier Queiroz. p. 6. Fonds Raymond Cantel.)

No que se refere ao contexto geográfico, as histórias se passam no Nordeste brasileiro, o que pode ser constatado através das expressões e costumes típicos dessa região presentes no texto, a tradição e fé da baiana Sinhá Vitória em São José no momento que faz preces pelo nascimento da criança, marca a forte ligação dos nordestinos com a religiosidade.

Já o folheto de cordel *A história de São Sepé, ou o novo São Miguel do Rio Grande* de Adélia Carvvalho, possui características épicas como, matéria épica; dupla instância de enunciação: eu lírico / narrador; proposição; planos histórico e maravilhoso; e heroísmo épico; é composto por 64 sextilhas,

totalizando 384 versos em redondilha maior, seguindo o esquema rímico: A,B,C,B,D,B demonstrado pela estrofe a seguir:

É a raça Guarani **A**
Que eu trato com respeito **B**
Por isso tiro o chapéu **C**
E com a mão sobre o peito **B**
Me curvo vendo a história **D**
Do seu povo com seu jeito. **B**
(A história de São Sepé de Adélia Carvalho. p.01)

Esse cordel possui como matéria épica os feitos dos indígenas guaranis e de alguns heróis diretamente citados, a exemplo de São Sepé, que lutou na Guerra Guaranítica ocorrida entre 1753 e 1756 frente à insatisfação com os portugueses e espanhóis, por conta do Tratado de Madrid. O plano de fundo histórico, que acompanha toda a narrativa do folheto, unese ao plano maravilhoso para aludir a um dos principais momentos de descentralização política pelos quais o Rio Grande do Sul passou. A proposição épica é uma parte da epopeia em que o eu-lírico/narrador expõe a matéria épica de forma resumida e pode ser identificada na seguinte estrofe:

Abrindo as páginas da história
Vejo sangue derramado
Ouço choros e gemidos
E corpos desfigurados
E os grandes fazendo festa
As custas do Massacrado.
(A história de São Sepé de Adélia Carvalho. p.01)

O heroísmo desse cordel épico é definido como histórico-mítico híbrido, pois valoriza os planos histórico-maravilhoso transitando de um plano para o outro.

Percebeu-se a inclinação da cordelista Adélia Carvalho para a produção de folhetos épicos, dentre eles destaca-se também a obra *O peregrino de Deus* composta por 63 sextilhas, totalizando 378 versos em redondilha maior. Por ser um folheto épico nele foram identificados elementos como dupla instância de enunciação: eu lírico / narrador; planos histórico e maravilhoso; heroísmo, invocação e proposição como exposto nas estrofes abaixo:

Peço ao leitor amigo,
Neste tão feliz momento
Que através dos meus versos
Assente seu pensamento
Pois vou narrar a história
De um padre de talento

Seu nome de batistério
É Gabriel Malagrida
Mas entre nós é chamado
Como pessoa querida
O peregrino de Deus
Por fazer da missão vida.
(O peregrino de Deus de Adélia Carvalho p.01.)

A matéria épica desse folheto enaltece a história do padre Gabriel Malagrida, conhecido como o peregrino de Deus, que por confrontar a igreja e a elite da época em defesa do povo pobre, foi queimado pela inquisição, deixando um legado de fé, resistência e doação pelos menos favorecidos.

Enfim, além dos folhetos acima descritos, como forma de exemplificar as discussões travadas, foram tema de debates as seguintes obras: 1. *A casa de cavaco e o padre e o sacristão e A mensagem de São José Tobias a Sara*, de Maria José de Oliveira; 2. *A história de São Sepé; A história do padre Rodolfo e o índio São Romão; A traição de Tibiriçá, Discussão de Frei Damião com um ateu; O abraço do papa; O peregrino de Deus*, de Adélia Carvalho de Oliveira; 3. *Considerações de uma poetisa pela feira de Fagundes*, de Zaira Dantas da Silva; 4. *Ofício doloroso coração*, de Maria de Josefa Maria dos Anjos; 5. *Um São João em Caruaru*, de Maria do Carmo Cristovão; 6. *Visão de Dona Izabel de Oliveira Galvão e luta com o demônio quatro vezes*, de Izabel de Oliveira Galvão.

Pôsteres sobre essas obras, elaborados por Allana Santana Souza, Claudia Emylly Silva Barreto, Guilherme de Andrade Gois e Tálisson da Silva Oliveira, foram apresentados no evento *10 anos do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos* (<https://www.cimeep.com/cimeep-10-anos>), realizado no campus São Cristóvão da Universidade Federal de Sergipe no dia 24 de janeiro de 2023.

Conclusões

Este trabalho teve como foco a investigação e análise de folhetos de cordéis de autoria feminina presentes no acervo Raymond Cantel. Sua realização permitiu o aprofundamento acerca de determinados conceitos e fenômenos que foram estudados em projeto anterior. Em especial, destaca-se o reconhecimento e a luta pela valorização da autoria feminina de cordel, nesse recorte focando nas obras presentes no acervo Raymond Cantel, o que ampliou a discussão para a história das mulheres cordelistas ao longo das décadas.

Ademais, as leituras, reuniões discursivas e produções textuais proporcionaram uma aproximação com gêneros acadêmicos, garantindo a participação da bolsista em eventos científicos.

Logo, é visível que esse trabalho teve um teor importante, pois os estudos realizados garantirão uma maior visibilidade e difusão de inúmeras obras, além propagar a produção de cordéis escritos por mulheres fazendo jus à vitalidade do gênero e o combate ao patriarcalismo.

Perspectivas de futuros trabalhos

Particparei da II Jornada Internacional de Literatura de Cordel e Xilogravura, que ocorrerá nos dias 22, 23, 24 e 25 de agosto de 2023, sob organização da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada em parceria local com o Museu do Cangaço de Serra Talhada, onde serão apresentados pôsteres que darão visibilidade à produção de cada uma das

cordelistas estudadas e apontando o resultado final do projeto.

Além disso, em 2024, de 11 a 13 de março, participarei do IV Congresso Internacional do CIMEEP como cordelista e pesquisadora. O evento será sediado pela Universidad Nacional de Mar del Plata em parceria com o CIMEEP.

Além disso essa pesquisa direcionou e inspirou o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) por meio do qual darei continuidade à investigação a respeito da produção feminina de literatura de cordel iniciada através desse projeto.

Referências bibliográficas

Abreu, Márcia. **Histórias de cordéis e de folhetos**. Campinas: Mercado das Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1999.

Acervo Raymond Cantel. Biblioteca virtual cordel, Disponível em: <https://cordel.edel.univ-poitiers.fr/collections/show/3>. Acesso em: 19/07/2023.

Athayde, João Martins de (s.d.). **Discussão de Leandro Gomes com a velha de Sergipe**. Editora: Antunes e cia LTDA.

Barreto, Claudia Emylly Silva. A autoria feminina no acervo Raymond Cantel. **Revista Épicas**. Ano 7, N. 13, Jun 2023, p. 171-179. ISSN 2527- 080-X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2023.v13.1711781>.

Barros, Leandro Gomes (s.d.). **Romano de Mãe D'água e Inácio da Catingueira**. s. l., s. ed.

Bourdieu, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

Cairolli, Fábio Paifer. Eneias a nordeste de Cartago: a poesia latina traduzida para o cordel. In: **Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**. Juiz de Fora: UFJF, V. 7, N.2, 2019. p. 3-16.

Carvalho, Adélia. **A história de São Sepé**. s/d.

Carvalho, Adélia. **O peregrino de Deus**. 1.ed. Petropolis Rj: vozes, 1978.

Castro, Graciele. **83 Anos de publicação feminina na literatura de cordel**. 1 edição. Petrolina-PE: editora cordelaria Castro, 2021.

Cavignac, Julie. **A literatura de cordel no nordeste do Brasil: Da história escrita ao relato oral**. Tradução de Nelson Patriota. Natal: EdUFRN. 2006.

Curran, Marc. **A literatura de cordel**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1973..

Curran, Mark J. **Histórias do Brasil em Cordel**. 2. ed São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2001.

Daus, Ronald. **O ciclo épico dos cangaceiros na poesia popular do nordeste**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.

DECA, Revista do Departamento de Extensão Cultural e Artística. Recife, ano IV, no. 5, 1962.

Luciano, Aderaldo. Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro. Rio de Janeiro; São Paulo: Edições Adaga; Luzeiro, 2012.

Gustavo, José. **Peleja de José Gustavo com Maria Rôxinha da Bahia** [en ligne].16p Disponível em : <<https://cordel.edel.univ-poitiers.fr/items/show/3192>> (consultado a 19/08/2023)

Matos, Edilene. **Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de mega fone e cartola**. Rio de Janeiro: Manati, 2004.

Medonça, Luciara Leite de. **Quatro representações de Zumbi dos Palmares em cordel épico**. São Cristóvão: Programa de Pós Graduação em Letras da UFS. 2018. Dissertação de Mestrado.

Menezes, Diatahy B. de Menezes. Das classificações temáticas da literatura de cordel: uma querela inútil, 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/19573>. Acesso em: 08/05/2023.

Meyer, Marlyse. **Autores de cordel**. São Paulo: Abril Educação, 1980.

Mota, Leandro. **Os cantadores**. Rio de Janeiro: Castilho 1921.

Nogueira, Ariadne Maria. **Na corda bamba do cordel: representações e ressignificações do feminino na produção cordelística**. 2020. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

Peregrino, Umberto. **Literatura de cordel em discussão**. Rio de Janeiro: Presença Edições; [Natal]: Fundação José Augusto, 1984.

Pimentel, Maria das Neves Batista. **Paraíba criativa**. Disponível em <https://paraibacriativa.com.br/artista/maria-das-neves-batista-pimentel/>. Acesso em: 19/07/2023.

Pimentel, R; Roiphe, A. **xilográficos mecanismos para o ensino e aprendizagem do cordel**. Aracaju: editora criação, 2021.

Ramalho, Christina. **A cabeça calva de Deus, de Corsino fortes** : o epos de uma nação solar no cosmos da épica universal. 2a. Ed. Natal : LucGraf, 2017.

Ramalho, Christina. O Folheto de Cordel Épico. In: MAIOR, Vila Dionísio; FONTES, Maria Aparecida (Org.). **Multiculturalismo Épico**. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, 2020. p. 113-130.

Ramalho, Christina. **Poemas épicos: estratégias de leitura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2013.

Ramos, Amanda da Silva; Pinto, Maria Isaura Rodrigues. A questão temática no âmbito da literatura de cordel. In: Linguagem em (Re)vista, vol. 10, n. 19. Niterói, jan.-jun./2015, p. 1- 25.

Roiphe, Alberto. **Forrobodó na linguagem do sertão. Leitura verbo-visual de folhetos de cordel**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2013.

Santos, Francisca. **Cantadoras e repentistas do século XXI: a construção de um território feminino**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 35. Brasília, janeiro-junho de 2010, p. 207-249.

Silva, Anazildo Vasconcelos da; Ramalho, Christina. **A semiotização épica do discurso e outras**

considerações sobre o gênero épico. Jundiaí: Paco Editorial, 2022.

Souza, Allana Santana; Barreto, Claudia Emylly Silva. Mapeamento do folheto de cordel épico. In: **Revista Épicas**. Ano 5, N. 9, Jun 2021, p. 166-174. ISSN 2527-080-X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2021v9166174>.

Suassuna, Ariano. A compadecida e o romanceiro nordestino. In: _____. **Literatura popular em verso**. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1962, p. 153-164.

Varela, Nuria. **Feminismo 4.0 La cuarta ola**. Barcelona: Peguin Random House Grupo Editorial, 2019.

Torres, Paola. Quando acendemos uma Luz nós próprios nos iluminamos. In: Castro, Graciele. **83 anos de publicações femininas na literatura de cordel**. 1 edição, Petrolina-Pe editora: Cordelaria Castro, 2021., p. 5-7.